

EDITORIAL

Os artigos deste número nos convidam a pensar as múltiplas relações que se estabelecem entre o trabalho e a educação, bem como o impacto dessa relação na organização social que temos, sem descuidar do que as articulações, os conflitos, os pontos de ruptura e de (re)construção da realidade, entre outros elementos aí identificados, podem indicar e orientar em termos da materialização de uma realidade que devemos e podemos transformar.

Em *Trabajo, clases sociales y conocimiento en la sociedad contemporánea*, Pedro Manuel Rodríguez Rojas e Janete Garcia Yépez discutem acerca de como o hiperdesenvolvimento tecnológico, o crescimento exponencial dos setores financeiros e especulativos, a economia virtualizada e a sociedade de consumo, que são estruturantes da nova dinâmica capitalista, potencializam a exploração da mão de obra. A tese dos autores é de que as evoluções recentes aumentam a precarização do trabalho nos processos produtivos pela nova articulação que promovem entre conhecimento-capital-fetichismo, nos convidando a rever o conceito de mais-valia absoluta e relativa pela ideia de “mais-valia do consumo”. Os autores reafirmam a necessidade de conscientização e resistência, por parte dos trabalhadores e dos consumidores, diante dessas transformações que invisibilizam os seres humanos por trás dos processos produtivos.

Três artigos se dedicam a tematizar aspectos das relações dos jovens com o trabalho na atualidade. Em *Inquéritos longitudinais e entrevistas biográficas no estudo dos percursos estatutários e subjetivos de transição dos jovens*, de além-mar, Maria Sidalina Pinho de Almeida aborda a fase de transição enfrentada pelos jovens entre a saída da escola e a entrada no mundo do trabalho, essa “fase intermediária” ou “tempo de moratória” onde não existem ritos de passagem para esses jovens, e sim uma diversidade de elementos que influenciam modalidades de percursos heterogêneos. A autora ressalta a importância dos estudos longitudinais para entender a “transição como um período em que continuamente se (re)escrevem percursos escolares, de formação e de inserção profissional que se entrecruzam na sucessão do tempo”. Enfatizando essa estratégia metodológica para captar a dinâmica dos percursos, a autora ressalta que, “ao colocarem a vida em intriga, os jovens expressam a atribuição de sentido sobre os seus percursos de transição, constroem a sua coerência e perspectivam o seu desenlace”. Se a busca pela formação profissional dos jovens é sempre permeada por desejos e indecisões, no artigo *Desafios atuais da escolha e decisão vocacional/profissional: um olhar pedagógico sobre a questão*, Olgamir Francisco de Carvalho busca trazer elementos para a “compreensão do processo e do significado das escolhas e decisões vocacionais e profissionais, tomando como fio condutor a relação entre a educação e o trabalho”. Uma vez que estão relacionadas com a produção de sentido da existência humana, essas escolhas têm como mediadores, o trabalho, a sociedade e a cultura. Ao mesmo tempo, a autora mostra o caráter superficial que é dado a essa questão no âmbito das políticas públicas, que têm amplo impacto na vida do jovem, alertando para a necessária revisão na maneira a partir da qual o tema é abordado no Brasil, atualmente. No artigo *Representações juvenis sobre o mundo do trabalho atual: ser trabalhador para os jovens participantes do Plug Minas*, Luciano Borges Muniz e Regina de Paula Medeiros entrevistam jovens

participantes do Plug Minas (Projeto do Governo de Minas Gerais) com o objetivo de compreender quais são suas expectativas com o trabalho e como as atividades do projeto se articulam com as mesmas.

A questão do currículo integrado é o foco do artigo *O currículo integrado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia: contribuições do Projeto Pedagógico Institucional*. Rosicler Sauer e Maria Cecília de Paula Silva estudam o problema a partir da análise do Projeto Pedagógico Institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) – ferramenta para organização das ações educativas, que deverá embasar a formação do estudante na instituição.

A precarização das relações de trabalho dos professores é objeto de dois artigos neste número. Briana Manzan Reis e Sálua Cecílio, as autoras de *Precarização, trabalho docente intensificado e saúde de professores universitários*, discutem aspectos das condições de trabalho em uma Instituição de Ensino Superior privada que promove a intensificação do trabalho e os efeitos dessa ação sobre a saúde do professor em um contexto de baixos salários e pouca valorização social da profissão. Em outro artigo, *Professores temporários: flexibilização das contratações e condições de trabalho docente*, Denize Cristina Kaminski Ferreira e Claudia Barcelos de Moura Abreu analisam a precarização das relações de trabalho pela contratação temporária de docentes da Educação Básica na Rede Estadual de Ensino do Paraná.

Os conceitos de segurança normatizada e segurança autogerida são revisados na literatura especializada e colocados em relação de maneira a contribuir na ampliação das margens de proteção e prevenção de acidentes nos sistemas de segurança do trabalho. É o objetivo do artigo *A dialética entre segurança normatizada e segurança autogerida: elementos para discussão e pesquisa*, de Leo Vinícius Maia Liberato.

Edvalter Becker Holz e Mônica de Fátima Bianco escrevem *O conceito de trabalho na Ergologia: da representação à atividade* e ressaltam que a Ergologia incorpora, através do desenvolvimento do termo atividade humana, dimensões normalmente ignoradas pelas representações do termo trabalho no pensamento ocidental.

No último artigo deste número, *Atividade, instrumento(s) e desenvolvimento humano na educação profissional: o que um martelo pode nos ensinar?* Anselmo Lima discute as relações fundamentais existentes entre atividade, instrumento(s) e desenvolvimento humano no contexto da educação profissional, analisando a situação de ensino-aprendizagem do uso do martelo em oficina de uma escola de ofícios ferroviários. O autor analisa a atividade do aluno à medida que este vai recebendo instruções orais de um instrutor que, quando necessário, realiza demonstrações práticas. A análise da situação por parte do pesquisador, em confrontação permanente com a percepção do aluno e do instrutor durante o processo de ensino-aprendizagem, potencializa a formação de todos envolvidos no processo.

Agradecemos as colaborações dos(as) autores(as) e desejamos bom proveito a nossos(as) leitores(as).

Ailton Vitor Guimarães

Daisy Moreira Cunha

Estela Aparecida Oliveira Vieira